dutor, seguindo o Rio Grande do Sul, chegou a produzir, fortemente amparado pela política agrícola vigente na época, cerca de 1,5 milhão de toneladas. A retirada do governo do cenário da comercialização naquela região expôs a produção de sequeiro àquele que é agora o seu maior desafio: o mercado. Na falta de comprador, a produção caiu sensivelmente: Goiás tem produzido anualmente apenas 450 mil toneladas (média dos últimos quatro anos).

De acordo com o Ipea, o Brasil é um dos poucos países que investe em pesquisa de arroz de sequeiro. O esforço de adaptar o sistema produtivo às condições regionais encontradas (e não o contrário, como muito se faz) é, de fato, interessante. Além disso, os resultados obtidos têm sido muito promissores. Entretanto, estes esforços tenderão a se anular, se continuarem a vir desvinculados de uma ação visando a aumentar a capacidade de competição do arroz de sequeiro, tanto no que se refere aos custos de colocação, quanto aos aspectos mercadológicos propriamente ditos, este último item devendo partir do próprio setor privado envolvido.

Esta característica de segmentação no mercado de arroz levou a uma condição paradoxal: apesar da alta capacidade de produção como um todo, tem-se recorrido sistematicamente ao mercado externo para complementar o quadro tradicionalmente apertado entre oferta e demanda do arroz agulhinha. No ano passado, as importações atingiram aproximadamente 850 mil toneladas, das quais 550 mil toneladas provenientes do Mercosul.

Tradicionalmente, os preços no mercado brasileiro eram balizados por parâmetros internos (oferta e demanda, disponibilidade de crédito oficial para estocagem privada etc.). Nas eventuais crises de escassez, quando era necessário recorrer ao mercado externo, as internalizações em geral se efetuavam com alguma proteção, contida nas tarifas de importação. Com a integração no Mercosul, os preços passaram também a ser influenciados pela oferta de excedentes produzidos nos demais países do bloco, sobretudo Argentina e Uruguai, parâmetro que se atrela, por sua vez, ao próprio nível da demanda brasileira.

A experiência da integração no Mercosul, iniciada no ano passado (quando a taxação média em plena safra foi baixíssima e não havia limite quantitativo para as importações), como era de se esperar, não se mostrou vantajosa para o setor rural. A entrada maciça do produto importado com cotações de 5 a 10% inferiores às praticadas internamente, durante a safra de 1993, exerceu forte pressão baixista sobre os preços, causando descontentamento no setor produtivo. Como, em 1994, aguarda-se uma comercialização melhor, alguns técnicos receiam que possa haver um esfriamento nas discussões sobre a política agrícola comum, no âmbito do Mercosul, adiando importantes questões comerciais que ainda estão por ser debatidas no interior do bloco comercial.

ELIANA CONDE B. VIGLIO

MILHO

Abastecimento sem problemas no ano-safra 1993/94

A cada novo ano, repete-se o temor de o país não conseguir dispor de produção interna de milho suficiente para as suas necessidades. Na atual temporada, porém, existe a perspectiva de que o abastecimento venha a ser assegurado quase que exclusivamente pela colheita da safra 1993/94, que deverá ser 10% maior do que as 29,2 milhões de toneladas obtidas na precedente, segundo dados da Conab.

A explicação para este bom resultado vem de duas frentes distintas. Em primeiro lugar, a colheita do Norte-Nordeste está estimada em patamar substancialmente maior do que o registrado em 1992/93, quando não alcançou 1,3 milhão de toneladas. De fato, a previsão atual de 3,4 milhões de toneladas, ainda não significa auto-suficiência local, uma vez que, *grosso modo*, estima-se que o consumo da porção setentrional oscile entre 11% e 15% do consumo total do país. Por outro lado, indubitavelmente representa um desafogo para o quadro de suprimento do país como um todo.

Em segundo lugar, a colheita da segunda safra (ou *safrinha*) no Centro-Sul dará um reforço ao suprimento de pouco mais de 2 milhões de toneladas (o equivalente a 7% da primeira safra). É de se ressaltar, contudo, que o

desempenho da *safrinha* deixou a desejar quando se o compara ao recorde de 2,4 milhões de toneladas do ano passado e à expectativa inicial de que ela viesse a se aproximar de 2,9 milhões de toneladas. Esta frustração derivou das perdas ocasionadas pelas baixas temperaturas em algumas áreas de produção durante o inverno (risco inevitável a que esta segunda safra se expõe) contrariamente ao observado em 1993.

...mesmo que a colheita interna viesse a não ser suficiente, a maior disponibilidade para exportação de milho por parte da Argentina garantiria certa tranqüilidade ao abastecimento...

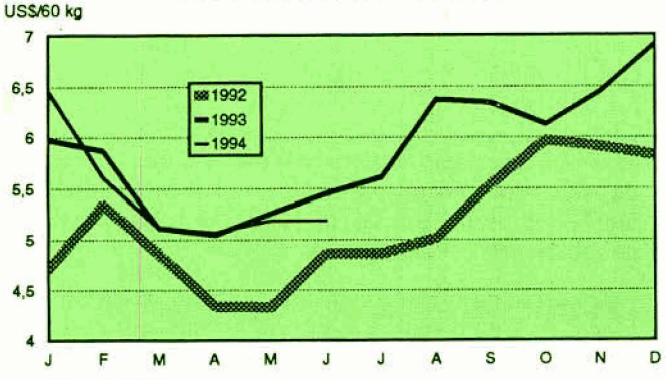
Deve-se observar que, mesmo que a colheita interna viesse a não ser suficiente, a maior disponibilidade para exportação de milho por parte da Argentina garantiria certa tranqüilidade ao abastecimento, especialmente levando-se em conta o tratamento tarifário preferencial no âmbito do Mercosul. A título de ilustração, segundo o Usda, este país sul-americano disporia de 5,5 milhões de toneladas de milho para exportação em 1993/94 (16% a mais do que em 1992/93), volume que permaneceria praticamente inalterado na projeção para a temporada 1994/95.

Em julho último, a Conab divulgou balanço de oferta e demanda para a temporada 1993/94, onde se projeta que, à oferta total de 35,5 milhões de toneladas, deverá sobrepor-se consumo de 32,7 milhões de toneladas, subentendendo estoque final da ordem de 2,8 milhões de toneladas (neste quadro, deve-se ressaltar que estão embutidas 400 mil toneladas de produto importado).

Muito embora esta relativa tranqüilidade no abastecimento evite oscilações altistas dos preços durante a entressafra, não é de se imaginar que o plantio da primeira safra da temporada 1994/95 venha a ser desdenhado pelos agricultores. Afinal, a demanda por parte da avicultura e da suinocultura deverá continuar firme, além de estar ocorrendo uma mudança no perfil dos produtores deste cereal, com crescente participação daqueles de maior porte.

Milho — Paraná

(preços médios mensais recebidos)



Fonte: Ibre/Cep.

É interessante observar que, após a excelente (e até então recorde) colheita de 30,8 milhões de toneladas de milho registrada em 1991/92, o país iniciara o ano de 1993 com a perspectiva de produzir cerca de 5% a menos. Isto porque, ao longo da comercialização relativa àquela colheita, a ampla oferta do produto ocasionara queda real nos preços (cuja média anual, em 1992, foi 21% menor do que a de 1991, no estado do Paraná), desestimulando o plantio. De qualquer forma, apesar da pressão demandadora exercida pela avicultura de corte, o mercado sentia-se seguro, devido ao estoque inicial inédito de 3,4 milhões de toneladas.

Apesar deste quadro, o país não prescindiu de importações ao longo de 1993, que alcançaram perto de 1,2 milhão de toneladas. Na verdade, antes de estas compras se terem originado da falta do produto internamente, elas se deram pela maior atratividade do grão adquirido à Argentina para os consumidores do Nordeste. Afinal, as importações oriundas daquele país estão isentas do imposto de importação. Além do mais, o custo de transporte marítimo do produto argentino à região nordestina brasileira era, ao final de abril de 1993, cerca de 60% menor do que os US$4,5/saca referentes ao transporte rodoviário proveniente do Centro-Oeste.

Tradicional na Bahia, o segundo plantio começou a se desenvolver no Paraná como opção ao trigo na safra 1986/87...

A colaboração da *safrinha* para o abastecimento do país no ano passado foi de grande monta, na medida em que sua área cultivada tem crescido por força da perda de atratividade do trigo.

Tradicional na Bahia, o segundo plantio começou a se desenvolver no Paraná como opção ao trigo na safra 1986/87, com este estado iniciando com colheita de pouco mais de 300 mil toneladas em 213 mil ha. Posteriormente, não só a área plantada ali expandiu-se, como também passaram a aderir outros estados do Centro-Sul. Atualmente, planta-se a *safrinha* também em todos os estados do Centro-Oeste, em São Paulo e em Santa Catarina.

Esta colheita complementar alcançou 2,4 milhões de toneladas em 1992/93, representando 9% da primeira safra (contra 5% registrados na temporada precedente). É de se ressaltar, também, que as condições climáticas foram muito favoráveis para o bom desempenho deste plantio, tendo em vista que o rendimento médio obtido no Centro-Sul chegou a 1.974 kg/ha, segundo dados do IBGE. Além do mais, como a entrada deste produto no mercado se dá ao início do segundo semestre, sua função é não só reforçar a oferta da primeira safra, como também abastecer o Centro-Sul ao início do tradicional período de entressafra.

Por sua vez, quando se lançaram as bases do *pacote agrícola* da safra de verão 1993/94, não se observou nenhum tratamento diferenciado para o produto em termos de preço mínimo e/ou de VBC.

No caso específico do VBC, houve um decréscimo no valor real dos recursos em todas as situações de rendi-

mento físico, frente ao registrado um ano antes. Muito embora esta perda tenha sido levemente menos acentuada entre 1.600kg/ha e 2.500kg/ha (rendimentos mais comuns), ainda assim sua variação negativa chegou a 12%.

Aguçava-se, portanto, a expectativa pessimista quanto ao plantio, até porque os preços reais recebidos pelo grão (no caso do Paraná) ao longo do ano estavam abaixo da média do período 1988-91.

Curiosamente, o que se observou, no Centro-Sul, foi um aumento de 11% na área plantada na primeira safra da temporada anterior, que passou para 12,5 milhões de hectares. A explicação para este aparente paradoxo parece residir na metodologia de apuração dos preços reais recebidos pelos produtores, realizada não pelo IGP-DI, mas pelo dólar comercial. De fato, utilizando-se este último como indexador, chega-se à conclusão de que a comercialização do milho em 1993 foi muito favorável, comparativamente ao apurado em 1992: o avanço teria chegado a 14% no Paraná, com média anual no estado da ordem de US$6,02/60kg (ver gráfico).

IRENE RAGUENET TROCCOLI

OVOS

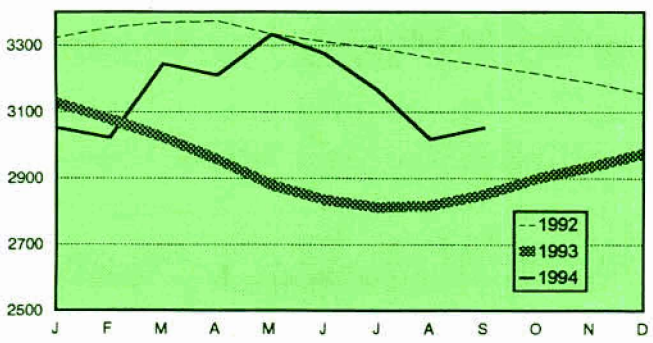
Preços refletem aumento da produção

O mercado de ovos brasileiro vem passando por fase de queda dos preços recebidos pelos produtores, em função do aumento da quantidade produzida, que, por sua vez, deriva de impulsos anteriormente havidos no alojamento de poedeiras (ver gráfico).

Entre janeiro e setembro do atual exercício, a produção média mensal de ovos foi avaliada, pela Associação Paulista de Avicultura (APA), em 1,13 bilhão de unidades, ou 7,5% acima do obtido no mesmo período do ano passado.

Brasil - produção mensal de ovos

(em milhares de caixas com 30 dúzias)



Fonte: União Brasileira de Avicultura - UBA.

Conseqüentemente, a média dos preços reais recebidos pelos produtores, ao longo do primeiro semestre do ano, retraiu-se 13% frente à do mesmo período de 1993.

Naquele ano, a média mensal produzida de 1,06 bilhão de unidades de ovos foi quase 11% inferior à registrada em 1992. Isto porque ficara claro que o mercado só poderia continuar a absorver a produção média mensal de quase 1,2 bilhão de unidades observada em 1992 à custa de queda nos preços recebidos pelos criadores. Assim, a oferta de 12,7 bilhões de unidades de 1993 remeteu este segmento produtivo a nível próximo ao registrado em 1989. Conseqüentemente, a disponibilidade *per capita* caiu para cerca de 80 unidades/ano (a menor desde 1984).

... a oferta de 12,7 bilhões de unidades de 1993 remeteu este segmento produtivo a nível próximo ao registrado em 1989...

Apenas por este motivo, os produtores conseguiram que a média real dos preços recebidos em 1993 praticamente equivalesse à do ano precedente, evidenciando a resistência que o mercado consumidor tem apresentado a quaisquer tentativas de valorização do produto.

Neste contexto, premida pela necessidade de se buscar uma maior difusão do consumo dos ovos, a APA manteve, ao longo do ano passado, os trabalhos de incentivo deslanchados com a criação da Promovos, ao final de 1992. Apoiados em pesquisa que apontava as caracterísi-